

Gênero e Ambiente na Percepção das Jovens Mulheres da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo

**Elizete Gonçalves dos Santos
Regina Aparecida da Silva**

RESUMO

Os quilombos no Brasil são marcados por lutas ao território e resistências, e se configuram como espaço de construção de identidades, e expoente da cultura afro-brasileira e de enfrentamento as agruras de um mundo ocidental, branco, machista e capitalista. E as mulheres negras quilombolas da comunidade Mata Cavalo que sofrem tanto com a expropriação da terra, com o racismo e o machismo, se mostram a frente da luta pela posse da terra, pelo direito de viver sua cultura e pela construção de uma identidade feminina quilombola. As mulheres da comunidade quilombola de Mata Cavalo não fogem a luta pelo seu território, que está imbricadamente vinculado a sua identidade, ambiente e vida. Esta pesquisa busca compreender a percepção socioambiental na relação Gênero e Ambiente, tendo como sujeitos de pesquisa as jovens mulheres estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda localizada na Comunidade Negra Rural Quilombo de Mata Cavalo, no município de Nossa Senhora do Livramento. A metodologia para a compreensão de tal fenômeno, esta alçada no Estudo de Caso a partir da especificidade do grupo escolhido e de descrições densas das relações de gênero e ambiente. Realizou-se entrevistas com 11 jovens, e uma oficina temática com bonecas étnicas. Esperamos que essa pesquisa possa colaborar para ampliar a visibilidade da luta das mulheres quilombolas e que possa contribuir com proposições de educação mais inclusiva, significativa e regionalizada.

Palavras-chaves: Ambiente. Gênero. Jovens Quilombolas.

INICIO DA CAMINHADA

Os quilombos no Brasil permaneceram um bom tempo dentro da História Brasileira “oficial”, apenas como lugar de negros e negras fugidos dos senhores de escravos e do sistema de escravidão colonial. E ainda hoje podemos encontrar em alguns livros e em falas, de que quilombo era lugar de resistência e local de escravos fugidos a combater o sistema escravista colonial. O que dá a impressão de que os quilombos não existem mais, ou ficaram só resquícios daqueles tempos de escravidão, (LEITE,2000).

As comunidades negras rurais que apresentam no seu contexto histórico, seja o território formado por abrigo aos escravos fugidos, ou comprados por ex-cativos negros de seus senhores/senhoras, apresentam uma dinamicidade que não os param no tempo e nem na história, como o governo e a sociedade branca ocidental os veem. As lutas por reconhecimento da terra, sua legitimação perante a justiça do seu espaço, e também da sua humanidade, pois a terra lhes dá sobrevivência, identidade, e a construção do seu passado. Para Leite (2000), o conceito de quilombo no Brasil, trata-se de uma construção sócio antropológica, que teoriza e formula política para um grupo invisibilizado.

E lutam por agregar no território uma identidade negra que faça a ligação com a África ancestral e o processo atual que passam pela posse da terra e acesso a direitos básicos.

O quilombo, espaço revelador da ancestralidade africana, de festas, de religião, cosmogonias¹ foram espaços de fuga e resistência à escravidão e para, além disso, territórios de práticas, reconstruções das culturas africanas que viria a agregar outros fatores no Brasil. E de certa forma ainda continua a ser espaço de resistências e lutas, já que muitos quilombos no Brasil, ainda não conseguiram sua titulação e reconhecimento da terra. E que ainda sofrem perseguições, injustiças, discriminações por motivos como, a sua desqualificação para ter posses sobre terras, marcadas pela violência, pela cor da pele, por calúnias que provoca racismo, pobreza e muitas injustiças.

A comunidade negra rural quilombola de Mata Cavalo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso, cujas terras foram adquiridas por doações ou

¹ Palavra utilizada para expressar as crenças, visões do mundo dos quilombolas.

compra pelos ex-cativos e seus descendentes no século XIX, próxima a rodovia estadual MT 060, luta por direitos a terra numa área total de 11.722 hectares da Sesmaria Boa Vida Mata Cavallo.

É dividida em seis associações distintas matriculadas em cartório: Mata Cavallo de Cima; Ponte da Estiva (Fazenda Ourinhos); Ventura Capim Verde; Mutuca; Aguassú e Mata Cavallo de Baixo. As seis associações formam o complexo Sesmaria Boa vida Quilombo de Mata Cavallo. Grande parte dos danos ecológicos existente na área da antiga terra de sesmaria foi causada pelos fazendeiros da localidade, (SATO, 2008).

Simione (2008) relata que por anos os quilombolas foram perseguidos, ameaçados, humilhados, presos e expulsos de suas casas e sítios por fazendeiros que chegavam na região, e tinham o interesse de expandir suas terras para agropecuária. A luta pela terra perpassa as vidas de homens e mulheres que desejam ter acesso a direitos básicos como Educação, Saúde, Emprego, Lazer e um território onde possam construir suas identidades e vivências.

As mulheres de Mata Cavallo tem papel considerável na luta pela terra. Em certas fases da luta contra os fazendeiros nos despejos, as mulheres tomaram a frente, e tinham uma liderança feminina bem forte, a professora/presidente Tereza Conceição. (MANFRINATE, 2011). Segundo nos relata Castilho (2011, p. 130), a mulher no quilombo de Mata Cavallo tem papel destacável, assume lideranças dos setores do Quilombo e ainda conduz a família. As mulheres negras segundo Carneiro (2003) estão à margem de terem direitos e cidadania reconhecidos, sofrem com o machismo que as inferioriza por serem mulheres e pelo racismo pela cor da pele. E as mulheres quilombolas além dessas discriminações, que sofrem se colocam a lutarem por sua terra, seu território, suas famílias pelos direitos negados a elas.

Compreender a dinâmica dos Quilombos perpassa um quadro histórico para chegarmos à contemporaneidade dos quilombos. Leite (2000, p.1) dialoga que “Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção”. O quilombo de Mata Cavallo se insere como um quilombo contemporâneo que ainda luta por direitos a terra e acesso a direitos básicos como saúde, educação, emprego, etc.

A inserção das jovens mulheres quilombolas na luta pelos seus direitos básicos e pela terra, se faz imprescindível como oportunidade de formação cidadã, de identidade e valorização das jovens, das mulheres negras. As violências sofridas em detrimento com a sociedade provocam sofrimentos e perdas que podem chegar ao comprometimento da autoestima e crescimento pessoal e social. As esferas de submissão se expressam em relações de poder e desigualdades:

"O racismo, o sexismo, o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil, não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas, que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, como as mulheres os negros, os mais jovens e os mais pobres". (CASTRO, 2005, p.11)

A presente pesquisa que se insere na abordagem qualitativa, e tem por pretensão compreender as relações de gênero e ambiente pela escola quilombola. E para compreender as relações dessas jovens quilombolas com o ambiente, que diria configura-se como o território quilombola de pertencimento, conflitos socioambientais, a Educação Ambiental nos traz grandes contribuições para a compreensão/interpretação que perpassa as relações com ambiente, as relações de gênero na escola quilombola.

E há uma demanda de imersão no contexto social, cultural, histórico, racial e etário das alunas do Ensino Médio da Escola Quilombola. Contudo, sem deixar de focalizar as percepções socioambientais dessas jovens. A busca por compreender as percepções sobre as relações de gênero e ambiente a partir das jovens quilombolas que frequentam o período do Ensino Médio é o objetivo desta pesquisa.

Esta pesquisa justifica-se como forma de continuidade as pesquisas já realizadas no Quilombo de Mata Cavallo pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT). E trazer a discussão sobre o grupo etário e de gênero das jovens quilombolas que frequentam o ensino formal, suas percepções socioambientais, na busca de uma educação inclusiva, regionalizada e participativa.

O CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia é uma importante parte da pesquisa e precisamos traçar rumos para que tenhamos condições de realizar a pesquisa. A pesquisa qualitativa se faz presente na Educação, e traz instrumentos metodológicos pertinentes que muitos pesquisadores da área da Educação utilizam já há algum tempo. Tais como a observação participante, história de vida, etnografia, etc. A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizado pela heterodoxia no momento da análise. (MARTINS, 2004).

Ao perceber que a Educação Ambiental (EA) para além de uma educação para o ambiente, pode ser um rumo para reflexões, pesquisas, transformação social (não sozinha) contraponto para a sociedade consumista capitalista, e para sair do dilema utilitarista que vê a EA como ferramenta de gestão de recursos naturais, do politicamente correto, da reciclagem do lixo, que trago a EA como trilha para o meu labirinto de pesquisa. E como diz Sato (2011) “Uma pesquisa é um labirinto que ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão.” E a EA pode proporcionar-me essa reinvenção da paixão dentro do labirinto da pesquisa, assim concordo que a pesquisa não é um caminho linear reto, mas um labirinto cheio de caminhos possíveis, caminhos fechados, idas e voltas. E a EA pode ser o meu fio de Ariadne.

Nas tramas da EA, o método que me guia para compreender e interpretar as percepções socioambientais que se apresentaram, foi o Estudo de Caso como possibilidade de uma descrição densa e exploratória. Este é utilizado nas pesquisas qualitativas e também nas educacionais, e apesar das divergências entre os pesquisadores que utilizam e veem como método de pesquisa, há os que condenam seu uso como método de uma pesquisa. O estudo de caso como apontam alguns autores (BOGDAN & BIKLIN, 1998; CHIZZOTTI, 2006; VENTURA, 2007, YIN, 2010), permite compreender em profundidade o fenômeno estudado. E trabalhar com a unidade, seja ela uma instituição, grupo, indivíduo, por exemplo, uma escola, uma comunidade, uma pessoa.

Yin (2010) ao trazer o estudo de caso como método para as Ciências Sociais, que pode possibilitar a profundidade dos fenômenos sociais, aponta para vantagens como o aprofundamento, levantamento e descrição do caso e não apenas na fase preliminar, como em todo o processo. E como desvantagem a limitação de um caso, que muitas vezes segundo ele, não pode ser generalizado.

Os procedimentos metodológicos que deram suporte a pesquisa como a observação participante, entrevista semiestruturada (permitiu trazer tópicos aos entrevistados, sem deixar fechada as possibilidades de respostas das entrevistadas), e a construção de uma Oficina temática com bonecas étnicas a abordar as relações de gênero, ambiente.

Jovens Mulheres do Quilombo de Mata Cavallo

A escolha das sujeitas de pesquisa como as jovens mulheres da comunidade Quilombola, em processo de formação escolar, surgiu da primeira visita a nova Escola da comunidade. Já houve pesquisas no Quilombo com as mulheres, em especial uma grande líder

da comunidade a professora Tereza Conceição Arruda já falecida, que tem seu nome dado à escola. Por ainda ser uma jovem pesquisadora, militante do Movimento Juventude e Meio Ambiente, e ter participado da Rede de Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade (REJUMA), e do grupo Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Mato Grosso (CJ-MT) em que estive por 7 anos e trabalhamos a maior parte do tempo com formação de jovens na temática Juventude e Ambiente, Formação Política acesso a políticas públicas com a juventude urbana e do campo, me surgiu a ideia e desejo de compreender este grupo. Pude observar que há poucas iniciativas e espaços em que as jovens quilombolas podem se manifestar e tornarem-se protagonistas e terem “audiência” (SATO, 2014) e serem ouvidas atentamente. A partir dessa observação veio à proposta de buscar compreender como as jovens mulheres quilombolas em processo de escolarização no período do Ensino Médio, se organizam, sonham e vivem na comunidade no território que lhes é de direito herdado de seus antepassados.

Escola Quilombola de Mata Cavalo – Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda

A pesquisa se realizou na Escola Estadual Prof^a Tereza Conceição Arruda localizada no Quilombo de Mata Cavalo no município de Nossa Senhora de Livramento em Mato Grosso as margens da rodovia MT 060. A Escola é nova tem apenas dois anos de atividade, inaugurada pelo governo do Estado em junho de 2012. A Escola foi uma conquista das lutas da comunidade quilombola pelo direito e acesso à educação. A antiga Escola Municipal chamada São Benedito tinha precárias instalações, a nova Escola construída com recurso Federal e Estadual apresenta infraestrutura e equipamentos para as aulas. Como sala de informática, laboratório de artesanato, salas de aulas climatizadas e refeitório.



Figura. 1 Escola do Quilombo de Mata Cavalo.

Roda de conversa sobre Gênero e Ambiente: Oficina com bonecas étnicas

A proposta de realizar uma oficina e a envolver as temáticas do estudo surgiu de uma demanda da própria Escola. Na primeira visita, a diretora apresenta a necessidade e interesse da escola em trabalhar com a Educação Ambiental². E quando apresentava a minha proposta de Projeto de Pesquisa ao GPEA, surgiu à ideia de uma oficina com bonecas de várias etnias (branca, negra, japonesa, indígena etc.) em que envolvesse as relações de Gênero e Ambiente numa perspectiva da Educação Ambiental cidadã, política e emancipadora e as nuances das relações de gênero na Escola a refletir a comunidade quilombola.

A intenção de realizar uma Oficina na Escola com os estudantes do Ensino Médio com as bonecas é que para além do gênero e ambiente, possibilita também compreender a significação das relações étnico-raciais, mesmo que este trabalho não tenha como foco principal tal temática, ela está presente. Ancorada num vídeo que circulou largamente na lista da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA), que mostrava que nos Estados Unidos, as próprias crianças negras escolhiam bonecas brancas como mais apresentáveis, a presente metodologia vem experimentar se tal situação ocorre no quilombo de Mata Cavalo, permeada nas relações de gênero e ambiente.

Contudo, para além da mera testagem, o método visa ampliar os cenários, permitindo que as adolescentes (os) narrem histórias por meio das bonecas. Esperamos que tais histórias

² Ao conversar com a coordenadora pedagógica, sobre os trabalhos e projetos de Educação Ambiental na escola, tem-se por ideias o lixo (reciclagem e separação do lixo) e a horta escolar como práticas.

revelam o imaginário destas adolescentes em relação a 3 pontos primordiais da pesquisa: (a) Gênero; (b) Etnia; e (c) Ambiente. Estas três dimensões estão intrinsecamente ligadas ao arcabouço pedagógico da construção identitária, pela reconstrução da Educação Ambiental.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Realizou-se entrevistas com as estudantes do Ensino Médio, ao todo foram onze entrevistas entre as quais nove jovens com a faixa etária entre 14 a 18 anos, e dois jovens que se apresentaram a querer serem entrevistados na mesma faixa etária. A participação na entrevista foi apresentada de forma aberta e arbitrária, e o foco era entrevistar apenas as jovens mulheres, mas como dois jovens se apresentaram para serem entrevistados, essa situação fugiu a proposta de apenas entrevistar as jovens, e ao ler as transcrições das entrevistas tanto das e dos jovens, vi o quanto pode ser interessante trazer as percepções desses jovens homens, em relação as relações de gênero e ambiente. A partir de um roteiro semiestruturado com perguntas que abordaram as questões de Gênero, Ambiente e as relações étnico-raciais, tivemos o acesso às percepções que as jovens mulheres quilombolas constroem de saberes sobre o ambiente, gênero e das relações étnico-raciais.

Ao abordar o estudo com as jovens quilombolas, descobriu-se haver poucos estudos a abordar esse grupo etário com a especificidade quilombola e de gênero e a questão ambiental. O grupo estudado tem pouca “audiência” e atenção em relação tanto aos estudos realizados com a população quilombola, quanto as Políticas Públicas pelo Estado e, em relação a acessos e oportunidades a direitos básicos a este grupo é restrito. O que torna o protagonismo e emancipação cidadã negada as Jovens Quilombolas.

Minhas idas a Escola Estadual Prof^a Tereza Conceição Arruda na Comunidade Quilombola de Mata Cavallo se iniciou em junho de 2013, ao acompanhar outras pesquisadoras do GPEA, a respeito de dialogar sobre o Projeto de Pesquisa “Identidades e emancipação das Mulheres do Campo: políticas, saberes e educação”, da qual também faço parte, com as mulheres de Mata Cavallo, a comunidade rural quilombola foi elegida como espaço prioritário, por ter toda uma trajetória de lutas.

As idas a Escola aconteceram de Junho de 2013 a Abril de 2014. A tirar o período de greve dos professores que aconteceu de agosto a outubro de 2013 (70 dias de greve) e na Escola de Mata Cavallo, os professores também aderiram à greve. Só pude voltar em Novembro/2013, ao total foram 15 sessões. Com 3 sessões utilizadas para as entrevistas com as estudantes, outras para conhecer a escola, conversas com a coordenadora pedagógica, com

a diretora, e com alguns professores. A Oficina com as bonecas étnicas foi realizada em um dia (manhã e tarde). Pela proximidade do Quilombo com Cuiabá houve a tranquilidade de poder ir e voltar no mesmo dia.

O estudo encontra-se em fase avançada com as coletas de dados já realizadas, idas a campo praticamente já encerrado e em fase de análise dos dados e teorias que deem suporte para a compreensão e interpretação.

CONSIDERAÇÕES PELO CAMINHO

A compreensão das relações de Gênero com o Ambiente se faz importante e muito presente, e pela peculiaridade de demonstrar como as jovens mulheres quilombolas se relacionam com o Ambiente através de seus saberes, percepções, sonhos, mitos e práticas. E como forma de dar algo de visibilidade a este grupo que sofre com discriminações, como sexismo, racismo e a luta e resistência pelo direito à territorialidade. E tem muito a dizer, ensinar e aprender.

E a Educação Ambiental como campo epistemológico e promotora de cidadania, pode trazer os olhares e saberes de comunidades tradicionais, como os quilombolas e das mulheres que como no caso de Mata Cavalo tomam a frente à luta pela posse da terra, e a Educação da comunidade. Vale ir à Escola de Mata Cavalo, observar e perceber de como as mulheres quilombolas estão a par e a frente dos processos educativos, são maioria como professoras e estudantes.

Esperamos que essa pesquisa possa colaborar para ampliar a visibilidade da luta das jovens mulheres quilombolas e possa contribuir com proposições de educação mais inclusiva, significativa e regionalizada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do Estudo de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, set./dez. 2006, p. 637-651.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. O Quilombo Mata Cavallo: territorialidade negra no mundo globalizado. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Coleção Ciências da Educação. Tradutores Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo: Educação, família e culturas**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 144 p.

LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. In: **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos** / Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs)... [et al]. – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

MANFRINATE, Rosana. **HISTÓRIAS FEMININAS: Resistência e Educação no Quilombo de Mata Cavallo**. 2011. Dissertação de mestrado. Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

SATO, Michèle et al. **Comunidade Quilombola de Mata Cavallo: Mato Grosso, Brasil**. Caderno Pedagógico. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT, 2010.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: Francisco José Pegado Abílio. (Org.). **Educação ambiental para o semiárido**. 1ed. João Pessoa: EDUFPB, 2011b, v. 1, p. 539-569.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres Negras do Brasil**. Ed. condensada. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013. 160 p. IL. Publicado em parceria com a Redeh e a Ed. Senac São Paulo.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. **Mapa Social**: mapeando os grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil. Cuiabá: UFMT-GPEA & GTMS, 2011. Série Mapeamento Social do Estado de Mato Grosso. Nº 2. 62 p.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Cavalo**: identidades em Movimento na Educação Ambiental. 2008. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá-MT.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**. 2007; 20(5): 383-386 setembro/outubro.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Tradução Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damacena. – 4 ed.- Porto Alegre: Bookman, 2010, 248p.

ZANETTI, Julia; SACRAMENTO, Mônica. Jovens Negras: ressignificando pertencimentos, construindo práticas. In: WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres Negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro. Criola.